



CAMILLO BERNERI

(1897–1937)

Biografia de Camillo Berneri (1897-1937)

TEXTOS DE CAMILLO BERNERI

Outubro de 1936: "Abolição e Extinção do Estado"

Outubro de 1936: "O Estado e as classes"

Abril de 1937: "Nós e o POUM"

Última carta de Camillo Berneri
(algumas horas antes de seu
assassinato)



CAMILLO BERNERI

(1897–1937)

Você pode encontrar mais artigos de Camillo Berneri em francês no livreto *Guerre de classe en Espagne* (.pdf) da Perspective Libertaire on-line pela CNT-AIT-Pau.

Esses textos foram publicados pela primeira vez em uma coletânea nos "Les Cahiers de Terre Libre" em abril-maio de 1938, depois republicados pela Spartacus (1977).

<https://cclamazonia.noblogs.org>
cclamazonia@gmail.com
17/05/2023



A última carta de Camillo Berneri

(Poucas horas antes de seu assassinato)

Na noite de 5 para 6 de maio de 1937, em Barcelona, o teórico anarquista italiano Camillo Berneri e Francesco Barbieri foram presos durante o dia em sua casa pela polícia, que obedecia a ordens comunistas.

Nova Espanha - Nova Série - Nº5 - 22 de maio de 1937

São duas horas, a casa está em armas esta noite. Eu queria ficar acordado para deixar os outros irem para a cama, mas todos os companheiros riram, dizendo que eu nem ouviria o canhão. Logo depois, um a um, eles foram para a cama e eu fico vigiando todos eles. Trabalhar para todos é a única coisa totalmente bela, mais absoluta do que o amor e mais verdadeira do que a própria realidade. O que seria do homem sem esse senso de dever, sem essa emoção de se sentir unido àqueles que foram, àqueles que são e àqueles que virão?

Às vezes, penso que esse sentimento messiânico é apenas uma fuga, é apenas a busca e a construção de um equilíbrio econômico que, se faltasse, nos lançaria na desordem e no desespero. De qualquer forma, o que é certo é que os sentimentos mais intensos são os mais humanos.

Pode-se ficar desapontado com tudo e com todos, mas não com o que foi confirmado por nossa consciência moral. Se fosse possível salvar Bilbao dando minha vida, eu não hesitaria nem por um momento. Essa certeza ninguém pode tirar de mim, nem mesmo o filósofo mais sofista. E isso me faz sentir um homem e me consola sempre que me sinto abaixo de mim mesmo, abaixo da estima dos melhores e da afeição dos seres que mais estimo e amo.

O que acabei de dizer é um pouco ridículo em sua solenidade para quem não mora aqui. Mas talvez um dia, se eu puder lhe contar sobre os longos meses que se passaram e que vivi tão intensamente, você entenderá melhor.

Camillo Berneri (1897-1937)

Nascido em Lodi em 28 de maio de 1897, passou a infância em Reggio Emilia e participou ativamente de um grupo de jovens socialistas.

Ele decidiu se demitir enviando uma carta aberta que fez barulho:

"[...] o movimento socialista começou sua desastrosa descida aos fundamentos do egoísmo destrutivo, seguindo assim a trajetória do poder moral do cristianismo, que se tornou poderoso por meio de seus mártires e caiu em decadência quando os sacrifícios de seus seguidores cessaram. [...] Precisamos de uma nova ascensão, precisamos voltar ao tempo em que amar uma ideia significava não temer a morte e sacrificar toda a vida para a completa submissão."
(1915)

Esse profundo compromisso militante, que encontramos até o seu assassinato, nunca foi uma fidelidade cega, como veremos.

Em 1917, ele foi mobilizado. Ele queria ser um opositor ou desertar?

"Há casos em que ser morto é a solução mais lógica e ser morto se torna uma necessidade moral. Casos de consciência são mais terríveis do que balas austríacas ou gás asfíxiante. Você luta e morre. Violetas crescem no chão encharcado de sangue, ao longo das valas de água vermelha."

Após a guerra, ele concluiu seus estudos enquanto era muito ativo na imprensa anarquista. Tornou-se professor de filosofia em uma escola secundária. Com o advento do regime fascista, as perseguições e sua recusa em emprestar fidelidade ao regime como funcionário público fizeram com que ele tivesse que se exilar. Começou, então, uma longa série de prisões e expulsões da França, Suíça, Alemanha, Bélgica, Luxemburgo e Holanda, às quais se somaram as dificuldades peculiares ao exílio político: discussões, agitação, decepções, espionagem etc.

"Sonhei em construir um edifício sólido e espaçoso, mas descobri que meu esforço é breve: pesei meu cérebro, fiz um raio X do meu coração e me sinto às vezes rebaixado e às vezes mais fraco. Eu me pergunto se minha atividade política é apenas uma agitação sem objetivo nas folhas secas de uma ideologia que está desaparecendo: minha fé, que era um verde bonito, terno e rico"

agora está tão vermelha quanto as videiras de outono. Berneri vivia com sua esposa e duas filhas que estavam na França.

De uma prisão belga, ele escreveu em 1930 para sua filha Giliana: *'Um dia, talvez você saiba o quanto papai amava sua mãe e o resto de vocês, embora muitas vezes tenha feito a primeira sofrer e embora não tenha sido carinhoso com vocês'* (escrito diretamente em francês).

Mas, apesar desses obstáculos materiais e morais, Berneri estava em plena atividade intelectual: *"O curioso é que, por um lado, sou levado à política militante, por outro lado, no campo cultural, meus estudos favoritos são de uma erudição muito peculiar (perdi muito tempo com coisas bobas: psicologia, zoologia, telepatia etc.) ou terrivelmente abstratos (tenho um grande livro de material sobre o finalismo). O resultado é um mal-estar geral."* (Carta a Luigi Fabbri, setembro de 1929).

"Quanto mais leio nossa imprensa, mais acho que estou sonhando. Vocês sabem que não consigo evitar e que não concordo com quase ninguém. [...] Quanto ao sindicalismo, acredito que é a única base sobre a qual podemos construir algo, embora eu não possa aceitar funcionários do sindicato e veja desvantagens e perigos no anarco-sindicalismo na prática. Se estou atacando o individualismo, é porque, embora não seja muito importante numericamente, ele conseguiu influenciar quase todo o movimento. [...] Meu sonho é levar a cabo o exame de uma grande série de problemas, e então, reunindo as observações críticas, anotações, soluções, etc., daqueles que falarão sobre eles, chegar a um programa para 1932 ou 1933, para apresentá-lo como o programa de um grupo de anarquistas, que deixam os outros viverem em paz, mas que querem andar em uma estrada própria." (Carta a Luigi Fabbri, julho de 1930).

Não parece que essa tentativa tenha sido feita.

Por outro lado, Berneri escreveu vários artigos e panfletos antirreligiosos e sobre a emancipação das mulheres. Ele também escreveu uma tese que foi publicada, *Le Juif antisémite*, na qual estudou a assimilação forçada ou voluntária dos judeus. André Spire, poeta e sionista, considerou o livro *"da maior importância"* [1].

Mas seus escritos mais importantes foram *Espionagem, Fascismo no Exterior* (em italiano) e *A Conquista das Ilhas Baleares por Mussolini* e seus artigos militantes, dos quais damos três citações que nos parecem resumir Berneri antes de sua chegada como voluntário na Espanha...

"Felizmente, o fenômeno maçônico é, no campo do anarquismo italiano, bastante insignificante. Mas há uma minoria considerável de anarquistas que, atraídos pela esperança de "grandes meios", se deixaram arrastar para o jogo político desse antifascismo equívoco... A FM apoia qualquer movimento que possa ajudar a burguesia e luta contra qualquer coisa que possa prejudicá-la..."

a purificação das escolas de guerra e a preparação militar dos jovens; o desenvolvimento de uma poderosa indústria de guerra e a organização do trabalho voluntário e obrigatório para a guerra; o emprego de prisioneiros fascistas no trabalho de fortificação.

A JCI não renuncia à Revolução Proletária, que para ela é a mesma coisa que a guerra civil, e que deve criar uma nova economia proletária, caracterizada pela socialização da indústria de grande escala, dos bancos e da terra, pelo monopólio do comércio exterior e pela municipalização dos serviços públicos.

Nem tudo nesse programa, cujos destaques eu observei, coincide com nossas demandas e aspirações atuais, mas nenhum de nós poderia chamá-lo de contrarrevolucionário.

Se o POUM fosse uma força política predominante na Espanha, nossa crítica encontraria espaço para ele. Mas, atualmente, o POUM é uma força auxiliar na luta antifascista e na resistência ao estrangulamento da revolução, de modo que as diferenças teóricas entre ele e nós são de pouca importância em comparação com a realidade e as possibilidades de acordo no campo de ação.

Muitos dos motivos de crítica, muitas das fórmulas de agitação do POUM aderem à realidade e são motores do desenvolvimento da revolução espanhola.

Contra os desígnios hegemônicos e as manobras oblíquas do PSUC, devemos afirmar, de forma inabalável e enérgica, a utilidade da livre concorrência política dentro das organizações sindicais e a necessidade absoluta da unidade de ação antifascista. Procuremos evitar tons de pregação e sermões inquisitoriais.

É preciso dizer em alto e bom som que qualquer pessoa que insulte e difame o POUM e peça sua supressão é um sabotador da luta antifascista que não pode ser tolerado.

Essa posição, além de aderir à necessidade da hora grave e responder ao espírito do anarquismo, constitui a melhor profilaxia contra a ditadura contrarrevolucionária que está cada vez mais presente no programa de restauração democrática do PCC e na disjunção entre revolução e guerra de certos revolucionários míopes e desorientados.

C. Berneri (abril de 1937)

[1] O site do coletivo Archives Autonomies disponibiliza as edições da Nova Espanha em PDF neste endereço: archivesautonomies.org

[2] *La Batalla* foi o principal órgão de imprensa do POUM (Partido dos Trabalhadores da Unificação Marxista) durante a Guerra Civil Espanhola e, posteriormente, no exílio na França.

Um primeiro grupo se separou com Arquer, Miravitles, Coll, Monteserrata, Rodes e outros, e em 1930 toda a Federação Comunista Catalã, em desacordo com as diretrizes de Moscou, foi excluída do partido.

Da fusão dessa federação com os núcleos de oposição anteriormente desligados do partido, surgiu, em março de 1931, o *Bloque Obrero y Campesino*, que se estava afirmando na Catalunha e também tinha alguma extensão nas Astúrias, em Madri, no Levante e no Sul. O BOC, a fim de se opor ao perigo fascista, defendeu a "Aliança dos Trabalhadores". Em setembro de 1935, o POUM surgiu da fusão entre o BOC e a Esquerda Comunista. Em 19 de julho de 1936, o POUM ficou ao lado da FAI e da CNT na resistência heroica ao golpe militar fascista e organizou colunas que foram para várias frentes (8.000 homens). O POUM não pode ser definido como um partido trotskista na medida em que não tem vínculos diretos e predominantes com Trotsky, que o repudia, ou com os fiéis de Trotsky que o atacam. Há uma pequena fração no POUM que, grosso modo, pode ser considerada trotskista, mas a maioria dos trotskistas espanhóis está fora do POUM.

Dizem que o POUM é contra a URSS. Na realidade, o POUM exalta a revolução russa de outubro de 1917, declara que participaria da defesa do proletariado russo se ele fosse atacado por um Estado burguês e nunca deixa de exaltar a ajuda dada pelo povo russo à Espanha antifascista, mas não queima incenso diante de Stalin, não se solidariza com o panslavismo bolchevista e nega o direito do governo da URSS de impor sua própria política ao povo espanhol em troca da ajuda que fornece.

Diz-se que o POUM é contra a Frente Popular. Na realidade, esse partido é contra a tendência de dissociar a guerra civil da revolução social.

UM PROGRAMA ACEITÁVEL

O programa da Juventude Comunista Ibérica (POUM), com 10.000 membros, é o seguinte (janeiro de 1937):

"Revogação da constituição burguesa de 14 de abril de 1931 e dissolução do parlamento; assembleia de delegados dos comitês de gestão, camponeses e milicianos, elegendo o governo operário e revolucionário; direitos políticos para todos os jovens de 18 anos, sem distinção de sexo; dissolução dos órgãos de justiça burgueses e criação de uma justiça operária; o mesmo para a polícia, expurgação da burocracia. A JCI argumenta que, para vencer a guerra, é necessário: a dissolução dos quadros do exército burguês; a mobilização geral da juventude, a liderança militar única,

"Precisamos nos afastar do romantismo. Ver as massas, eu diria, em perspectiva. Não há o povo, homogêneo, mas as multidões, variadas, separadas em categorias. Não existe a vontade revolucionária das massas, mas momentos revolucionários, nos quais as massas são uma enorme alavanca. [Se quisermos alcançar uma revisão potencial de nossa força revolucionária não desprezível, devemos nos livrar dos apriorismos ideológicos e do adiamento conveniente da resolução de problemas táticos e construtivos. Digo construtivos porque o maior perigo de parar e se desviar da revolução está na tendência conservadora das massas. (1930).

"Esperar que o povo acorde, falar em ação de massa, reduzir a luta antifascista ao desenvolvimento e à manutenção do partido e dos quadros sindicais, em vez de concentrar os meios e a vontade na ação revolucionária, que é a única capaz de mudar essa atmosfera de rebaixamento moral na qual o proletariado italiano está se corrompendo completamente, é desprezível, é idiotice e traição." (1934 fin de (consulte "A idolatria do trabalhador" [2]).

Ao receber a notícia da insurreição na Espanha, Berneri e a maioria dos antifascistas italianos foram imediatamente para lá. Eles formaram uma coluna que seria integrada à coluna Ascaso na frente de Aragão, organizada por Berneri e Carlo Rosselli (socialista de esquerda).

Beneri participou das batalhas de Monte Pelado (28 de agosto de 1936): *"Defendemos a posição com uma força de cerca de 130 a 600, com fortes recursos, durante quatro horas de combate"* e Huesca (3 de setembro de 1936).

Ele se dedicou amplamente à propaganda, sem deixar de se envolver com a coluna italiana. Ele editou a revista *Guerre de classes* (em italiano) e falou na rádio CNT-FAI em programas para a Itália. O livro *Pensieri e Battaglie* (Paris - 1938) nos dá uma série de observações sobre a situação que Berneri registrou para si mesmo. Veremos que elas esclarecem os artigos sobre o perigo de um golpe comunista e as tensas relações com os anarquistas-governamentalistas.

"Uma categoria de pessoas me irrita muito, que são os observadores voluntários (a maioria franceses). Eles vêm com seus ares sacerdotais e roupas de caubói e passam metade do tempo no café". (21 de setembro de 1936).

"O artigo do nº 6 irritou o cônsul geral da URSS em Barcelona, que perguntou ao comitê regional (da CNT) se eles aprovavam o artigo. Não sei o que eles responderam". (Janeiro de 1937).

"O Guerra de Classes nº 8 será lançado quando puder. O comitê (regional da CNT) agiu como a Espanha Antifascista e eu não quero ser acusado. No entanto, fiquei um pouco chateado com isso. Vou compensar colaborando em resenhas e escrevendo panfletos.

"Há algum tempo temos tido vítimas frequentes em nosso campo aqui por causa dos stalinistas. (Janeiro de 1937).

"Giopp foi libertado por intervenção de Espla e Arieto, mas seu caso era grave e eles o escoltaram de avião por medo de um golpe sujo da Cheka comunista que comandava Valencia.

"[...] não vejo quando terminarei o folheto sobre as Baleares (no qual estou forçado a trabalhar, apesar das preocupações!) para que eu possa começar uma avalanche de artigos sobre a situação aqui, que corre o risco de ser perturbada pelos moscovitas". (Março de 1937).

"Eu, que geralmente não temo o perigo imediato, às vezes sou tomado pelo medo da morte, sem que haja qualquer razão objetiva específica. (Carta para sua esposa, 25 de abril de 1937).

Dez dias depois, em 5 de maio de 1937, Berneri e Barbieri, ambos anarquistas, foram presos em sua casa por uma dúzia de policiais armados em trajes civis, sob a acusação de serem "contrarrevolucionários". Quando Barbieri protestou, um policial tirou seu cartão nº 1109 (anotado pelo companheiro de Barbieri). Os dois últimos trabalhos de Berneri foram "Nós e o POUM", publicado por um jornal anarquista italiano em Nova York, provavelmente porque a defesa crítica de Berneri não podia ser publicada em abril-maio de 1937 na Espanha; e um discurso em 3 de maio de 1937 na rádio CNT-FAI para a Itália, por ocasião da morte de Gramsci, *"o militante tenaz e digno que foi nosso adversário Antonio Gramsci, convencido de que contribuiu com sua pedra para a construção da nova sociedade.*

(Esta biografia é amplamente baseada no livro de Israel Renof em *preto e vermelho* [3]. Fonte: cnt-ait-pau.fr)

[1] Esta tese está disponível em formato PDF no site antimyth.com

[2] Este artigo está disponível em www.non-fides.fr

[3] Disponível em archivesautonomies.org

infelizes novas tempestades de indignação; que ele pense que a política antiga não é tolerável, que esses procedimentos não devem ser aconselhados; que ele leve em conta que estamos na Catalunha, que a guerra está em andamento e que estamos lutando pela revolução.

Afirmar que qualquer pessoa que critique o Conselho da Generalitat é um agente provocador e que busca agitar a população já está quebrando a disciplina que todos nós devemos respeitar.

Dizer que o POUM está a serviço do fascismo é um absurdo, e ninguém acredita nisso, nem mesmo aqueles que o escrevem. O POUM demonstrou que é um partido claramente antifascista e genuinamente revolucionário".

Declarações semelhantes são feitas pela CNT em Madri e, em geral, pela imprensa anarquista.

Um partido que teve vários líderes (Maurin, Etchebehere, José Oliver, Germinal Vidal, Pedro Viallarsa, Louis Grossi, Louis Blanco, etc.) tombados na luta e que, em termos da relação entre seus quadros e suas perdas, está atrás apenas de nós na luta contra o fascismo, não pode, sem distorcer a verdade e violar a justiça, ser apresentado como um amálgama de covardes e "agentes de Franco-Hitler-Mussolini", como a imprensa do Comintern continua a apresentá-lo, da *Pravda* ao *L'Humanité*, e do *Treball* ao *Mundo Obrero*.

Um partido que tem milhares de homens nas várias frentes e que, especialmente na Catalunha, predomina em certas localidades, não é uma força insignificante. Falar, como fazem alguns "dominicanos" do PSUC, em suprimir esse partido é mais do que uma ofensa à liberdade, é um ato de sabotagem contra a luta antifascista.

O QUE É O POUM?

Ele nasceu na Catalunha, em setembro de 1935, da fusão do Bloco Operário e Camponês (BOC) com a esquerda comunista. Na Catalunha, o Partido Socialista sempre foi fraco e os elementos revolucionários militavam nas fileiras da CNT. Em 1919, essa organização sindical com tendências anarquistas se juntou, sob a influência de Pestaña, à Internacional Comunista, mas em 1922, no Congresso de Zaragoza, ela recuperou sua liberdade. Um grupo de militantes permaneceu fiel, embora crítico em relação às táticas, à Internacional Comunista e se esforçou, com Maurin à frente, para dar uma orientação marxista ao movimento revolucionário catalão. O Partido Comunista Espanhol, fundado em 1920 por Borodin, um emissário da IC, limitou-se a reunir alguns social-democratas simpáticos ao bolchevismo. A política ditada pela Internacional Comunista provocou uma série de muitas divisões no PC espanhol.

As difamações e ameaças são seguidas por atos ainda mais lamentáveis: em Madri, a sede da Juventude do POUM foi invadida e saqueada; os jornais do POUM foram suspensos e multados, e as exigências para a supressão do POUM estão começando a ser feitas de *Treball a Mundo Obrero*. Os fascistas são os únicos, é claro, a se beneficiarem dessa situação. O Conselho da Generalitat da Catalunha suspende o *La Batalla* por quatro dias e imediatamente a Radio-Burgos informa que as diferenças dentro da Frente Popular estão se tornando cada vez mais sérias e que o diretor do *La Batalla* foi preso por publicar artigos violentos contra o governo de Valência. E o *Le Temps* (18 de janeiro de 1937), apresentando os telegramas de Burgos e Barcelona relativos à suspensão do diário poupista, intitulou-os: "*Agravações das divergências políticas*".

Qual é a atitude dos anarquistas em relação a essa luta entre o PSUC e o POUM?

O semanário comunista parisiense *Vendredi* (26 de março de 1937) reconheceu, sob a pena de Marc Bernard, que os anarquistas:

"[...] *servem como elementos moderadores entre os dois partidos que estão entrando em conflito mais amargo: o PSUC e o POUM*"... "*Eles fazem admoestações a ambas as partes para que mantenham essas discussões corteses e lembram que todo o esforço deve ser contra o inimigo comum*."

E é efetivamente assim. Um manifesto da Juventude Libertária de Barcelona diz:

"*Não estamos dispostos a ser solidários com aqueles que procuram levar certos companheiros a um descrédito degradante para satisfazer meros apetites políticos, lançando ondas gigantescas de calúnia e infâmia contra eles, sabendo que estão mentindo, como é o caso daqueles que acusam os Jovens Comunistas Ibéricos*."

Hoje, gritamos com toda a força de nossos pulmões: Basta! Basta! Não é justo que, por apetites doentios, seja eliminada uma organização que lutou e continua lutando, junto com outras, pelo triunfo da Revolução Espanhola".

Em resposta ao discurso pogromista de Comorera, mencionado acima, o *Solidaridad Obrera*, um órgão regional da CNT, disse em 6 de fevereiro de 1937

"*Se o camarada Comorera não vê mal nisso, nós lhe daremos um conselho de amigo. É o seguinte: que ele seja prudente; que controle sua língua; que mostre aquele senso de responsabilidade que ele tanto recomenda aos outros; que abandone suas pretensões injustificadas e trabalhe nobremente pela causa comum, em vez de provocar com suas intervenções*

Francesco Barbieri

Embora o nome de Camillo Berneri esteja fraternalmente unido ao de Francesco Barbieri, por sua morte, esse camarada anarquista não é apresentado com frequência.

Nascido em 11 de novembro de 1895 em Briattica, na província de Catanzaro, Barbieri foi um anarquista desde a juventude e, com a chegada do fascismo, emigrou para a Argentina.

A Argentina estava em meio a uma agitação social: greves violentas reprimidas pelo exército (2.000 mortos na Patagônia em 1921); organizações sindicais poderosas, incluindo a anarcossindicalista FORA. Barbieri, no entanto, juntou-se ao grupo do anarquista ítalo-argentino Severino Di Giovanni, que primeiro bombardeou os estabelecimentos norte-americanos durante o assassinato de Sacco e Vanzetti e, em seguida, as armas fascistas italianas. E o próprio grupo cometeu alguns assaltos para financiar uma gráfica clandestina que publicaria dois volumes dos *Escritos Sociais de Élisée Reclus* em italiano em 1930. Quando Di Giovanni e seus companheiros foram presos, Barbieri conseguiu se livrar de alguns documentos comprometedores e passar para o Brasil, de onde foi expulso para a Itália para ser preso.

Ele conseguiu escapar e entrar na França. Mas, acusado de usar documentos falsos, foi preso e expulso da França para a Suíça, de onde também foi expulso e chegou à Espanha em outubro de 1935.

Mas, denunciado pela polícia secreta italiana, que exigiu sua extradição, ele foi para a clandestinidade na Suíça, onde estava quando os eventos na Espanha começaram.

Barbieri retornou a Barcelona, onde chegou em 25 de julho de 1936.

Devido a uma doença, Barbieri estava em Barcelona em maio de 1937, depois de lutar na frente de Huesca (informações contidas em parte no artigo de L. Mastrodicasa Guerra de Classes; 23 de junho de 1937). Ligados por suas mortes, Berneri e Barbieri ilustram dois aspectos complementares do anarquismo: a luta implacável contra as ditaduras e sua ideologia.

Frank Mintz

Após Guerra de classes na Espanha

Abolição e extinção do Estado

Guerra de classe nº3 - 24 de outubro de 1936

Enquanto nós, anarquistas, queremos a abolição do Estado por meio da revolução social e da constituição de uma nova ordem federal autônoma, os leninistas querem a destruição do Estado burguês e, além disso, a conquista do Estado pelo "proletariado". O Estado "proletário" - dizem eles - é um semi-estado, já que o Estado integral é o burguês, destruído pela revolução social. E mesmo esse semi-estado, de acordo com os marxistas, morreria de morte natural.

Essa teoria da extinção do Estado, que é a base do livro de Lênin Estado e Revolução, foi tirada por ele de Engels que, em A Ciência Subversiva de M. Eugene Dühring, diz

"O proletariado toma o poder do Estado e transforma os meios de produção primeiramente em propriedade do Estado. Mas, com isso, ele suprime a si mesmo como proletariado, suprime todas as diferenças de classe e todos os antagonismos de classe e, conseqüentemente, também o Estado como Estado. A sociedade, como era e como é até agora, movendo-se por meio de antagonismos de classe, precisava do Estado, ou seja, de uma organização da classe exploradora, para manter suas condições externas de produção, em particular para manter à força a classe explorada nas condições de opressão exigidas pelo modo de produção existente (escravidão, servidão, trabalho assalariado). O Estado era o representante oficial de toda a sociedade, sua síntese em um corpo visível, mas só o era na medida em que era o Estado da classe que representava toda a sociedade em seu tempo: o Estado dos cidadãos proprietários de escravos na Antiguidade, o Estado da nobreza feudal na Idade Média, o Estado da burguesia em nosso tempo. Mas, ao se tornar o verdadeiro representante de toda a sociedade, ele se torna supérfluo. Assim que não há mais uma classe social a ser mantida na opressão; assim que, juntamente com a dominação de classe e a luta pela existência individual, fundada na antiga anarquia da produção, as colisões e os excessos que dela resultaram são abolidos, não há mais nada a reprimir e uma força especial de repressão, um Estado, deixa de ser necessária. O primeiro ato pelo qual o Estado realmente se apresenta como representante de toda a sociedade - a tomada de posse dos meios de produção em nome da sociedade - é, ao mesmo tempo, o último ato próprio do Estado. A intervenção do poder do Estado nas relações sociais torna-se supérflua

"Em todo movimento revolucionário, os mais perigosos são aqueles que se cobrem com o manto da amizade para apunhalá-lo no ombro. Em toda guerra, os mais perigosos não são os inimigos que ocupam as trincheiras da frente, mas os espiões e sabotadores. O POUM é um deles.

Ahora, órgão da United Socialist Youth, disse em 27 de janeiro de 1937:

"Vamos liquidar de uma vez por todas essa facção da quinta coluna. O povo soviético, com sua justiça implacável contra o grupo de sabotadores e assassinos trotskistas, está nos mostrando o caminho."

Juan Comorera, um influente ativista do PSUC e representante da UGT no governo catalão, disse em um de seus discursos (25 de janeiro de 1937):

"Aqueles que criticam o Conselho da Generalitat são agentes provocadores, que mexem com o baixo clero da sociedade. E ainda: "Morte, não ao fascismo, que já está morto nos campos de batalha, mas aos agentes provocadores.

Na mesma reunião, Uribe, um deputado comunista, proclamou:

"Para vencer a guerra, precisamos trabalhar para erradicar o câncer do trotskismo."

Por sua vez, Carillo, secretário-geral da Juventude Socialista Unida, formulou um pedido depois deles:

"A política dos trotskistas, dizendo que estamos lutando pela revolução social, é a política dos invasores, é a política dos fascistas.

Em seguida, a imprensa da UGT publicou enormidades como esta:

"As estações de rádio de Turim e Bolzano estão perfeitamente sincronizadas com o La Batalla [2] e com as estações de rádio do POUM" (Claridad, 26 de janeiro de 1937).

As difamações publicadas contra o POUM são tão colossais que merecem ser reunidas como documentos da má-fé do Comintern e dos bonzos centristas.

O fato de a campanha contra o POUM ser inspirada por Moscou é comprovado, entre outras coisas, pelo fato de que são jornalistas oficiosos, como Koltzov, que lideram os ataques, apoiados por intervenções consulares do tipo do cônsul russo em Barcelona que, em uma nota à imprensa, denunciou *La Batalla* como "vendido ao fascismo internacional".

BOLCHEVISTAS E ANARQUISTAS

Foi Moscou que proibiu a Espanha antifascista de dar asilo a Trotsky, que vetou a entrada de representantes do POUM na Junta de Defesa de Madri e no Conselho da Generalitat da Catalunha. É Moscou que quer um governo forte do qual "os insultadores da URSS" seriam excluídos.

Nós e o POUM

Acreditamos que os leitores da *New Spain* [1] apreciarão este artigo, um dos últimos escritos pelo camarada Berneri, que foi publicado na *Adunata dei Refrattari* de 1º e 8 de maio de 1937.

Ele contribui para o esclarecimento de um problema que ainda é relevante hoje, o da relação entre marxistas-revolucionários e anarquistas.

CALÚNIA NO TRABALHO

Seguindo as instruções do governo da URSS, a imprensa da terceira Internacional desencadeou e continuou a empreender uma campanha violenta contra o POUM, contra o Partido dos Trabalhadores da União Marxista da Espanha.

Essa campanha é tendenciosa e incrivelmente violenta.

O jornalista bolchevique Mikhail Koltzov acusou os milicianos do POUM de serem covardes e relatou que:

"[...] os destacamentos do POUM das Brigadas Internacionais foram dissolvidos e seus comandantes expulsos da frente de Madri. (Humanité, Paris, 24 de janeiro de 1937).

O órgão comunista centrista *Il Grido del Popolo de Paris* (14 de março de 1937) diz em uma de suas correspondências de Barcelona:

"E os trotskistas do POUM? Em meio a esse entusiasmo, nesse novo esforço grandioso que o povo está perseguindo, esses agentes do fascismo enviaram pela cidade, vários dias seguidos, um caminhão com a enorme inscrição: 'Vamos organizar a luta contra o fascismo na frente e a luta contra o reformismo atrás'."

"Quão covardes são esses contrarrevolucionários que têm o cuidado de não combater o fascismo na frente, mas que, por outro lado, na retaguarda, sob o pretexto de combater o reformismo, lutam contra os esforços da Frente Popular para colocar a nação em pé de guerra. Mas o povo da Espanha, ao levar esses bandidos à justiça, está marchando diretamente para a vitória."

Na Espanha, a imprensa e os representantes do PSUC não usaram nenhum outro idioma. O Mundo Obrero, órgão do PC espanhol, afirmou em sua edição de 29 de janeiro de 1937:

"Devemos lutar sem cessar contra os elementos trotskistas! Eles são os melhores auxiliares de Franco em nosso país"... "O POUM é um posto avançado inimigo em nosso próprio país."

em uma área após a outra e, em seguida, ficam inativas por conta própria. O governo das pessoas é substituído pela administração das coisas e pela direção do processo de produção. O Estado não é "abolido"; ele murcha. É desse ponto de vista que a frase: 'Estado do povo livre' deve ser apreciada, tanto em seu interesse passageiro na agitação quanto em sua insuficiência científica definitiva; desse ponto de vista também deve ser apreciada a exigência dos chamados anarquistas de que o Estado seja abolido da noite para o dia."

Entre o Estado de hoje e a anarquia de amanhã haveria o semi-Estado. O Estado que morre é "o Estado como Estado", ou seja, o Estado burguês. É nesse sentido que devemos entender a frase que, à primeira vista, parece contradizer a tese do Estado socialista.

"O primeiro ato pelo qual o Estado realmente se apresenta como representante da sociedade como um todo - a tomada de posse dos meios de produção em nome da sociedade - é, ao mesmo tempo, o último ato próprio do Estado." Tomada literalmente e desconectada de seu contexto, essa frase significaria a simultaneidade temporal da socialização econômica e a extinção do Estado. Da mesma forma, tomadas literalmente e desconectadas de seu contexto, as frases sobre o proletariado destruindo a si mesmo como proletariado no ato de tomar o poder do Estado significariam a não necessidade do "Estado proletário". Na realidade, Engels, sob a influência do "estilo didático", se expressa de maneira infeliz. Entre o Estado burguês de hoje e o socialista-anarquista de amanhã, Engels reconhece uma cadeia de tempos sucessivos, na qual o Estado e o proletariado permanecem. Lançar luz na escuridão... dialeticamente é a alusão final aos anarquistas *"que querem que o Estado seja abolido da noite para o dia"*, ou seja, que não admitem o período de transição no que diz respeito ao Estado, cuja intervenção, de acordo com Engels, torna-se supérflua em uma área após a outra, ou seja, gradualmente.

Parece-me que a posição leninista sobre o problema do Estado coincide exatamente com aquela adotada por Marx e Engels, quando se interpreta o espírito de seus escritos sem ser enganado pelo equívoco de certas fórmulas.

O Estado é, no pensamento político marxista-leninista, o instrumento político transitório de socialização, transitório pela própria essência do Estado, que é a de um organismo de dominação de uma classe sobre outra. O Estado socialista, ao abolir as classes, comete suicídio. Marx e Engels eram metafísicos que frequentemente esquematizavam processos históricos em prol do sistema.

O "proletariado" assumindo o controle do Estado, concedendo-lhe toda a propriedade dos meios de produção e destruindo a si mesmo como proletariado e o Estado "como Estado", é uma metafísica fantástica, uma hipostasia política [1] de abstrações sociais.

Não foi o proletariado russo que tomou o poder do Estado, mas o partido bolchevique, que não destruiu o proletariado, mas criou um capitalismo de Estado, uma nova classe burguesa, um conjunto de interesses ligados ao Estado bolchevique, que tendem a se conservar conservando esse Estado.

A extinção do Estado está mais distante do que nunca na URSS, onde o intervencionismo estatal é cada vez mais extenso e opressivo e onde as classes não estão desaparecendo.

O programa leninista de 1917 incluía os seguintes pontos: abolição da polícia e do exército permanentes, abolição da burocracia profissional, eleições para todos os cargos e posições públicas, revogabilidade de todos os funcionários, igualdade dos salários burocráticos com os salários dos trabalhadores, democracia máxima, competição pacífica dos partidos dentro dos soviets, revogação da pena de morte. Nem um único ponto do programa foi cumprido.

Na URSS, temos um governo, uma oligarquia ditatorial. O Comitê Central (dezenove membros) domina o Partido Comunista Russo, que, por sua vez, domina a URSS.

Todos aqueles que não são "súditos" são tachados de contrarrevolucionários. A revolução bolchevique produziu um governo "saturnino" [2] que deportou Ryazanov, fundador do Instituto Marx Engels, no momento em que ele estava preparando a edição completa e original de *O Capital*; que condenou à morte Zinovief, presidente da Internacional Comunista, Kamenef e muitos outros entre os melhores propagadores do leninismo, que excluiu do partido, depois exilou, depois expulsou da URSS um quase "duce" como Trotsky que, em suma, está lutando contra oitenta por cento dos partidários do leninismo.

Em 1920, Lênin elogiou a autocritica dentro do Partido Comunista e falou sobre os "erros" reconhecidos pelo "partido" e não sobre o direito do cidadão de denunciar os erros, ou aqueles que lhe parecem ser tais, do partido no governo. Quando Lênin era ditador, qualquer pessoa que denunciasse em voz alta os mesmos erros que o próprio Lênin reconhecia em retrospecto corria o risco de sofrer ostracismo, prisão ou morte. O soviétismo bolchevique era uma piada atroz até mesmo para Lênin, que exaltava o poder de demiurgo do Comitê Central do Partido Comunista Russo sobre toda a URSS, dizendo: *"Nenhuma questão importante, seja política ou organizacional, é decidida por qualquer instituição estatal de nossa República sem uma instrução orientadora do Comitê Central do Partido."*

Estado proletário" significa "capitalismo de Estado"; "ditadura do proletariado" significa "ditadura do partido comunista"; "governo forte" significa "governo forte". Essa é uma "oligarquia czarista de políticos".

Em um discurso no 8º Congresso do Partido Comunista Russo (11-12 de março de 1919), Lênin admitiu: *"Há aqui e ali arrivistas, aventureiros, que se agarraram a nós. Eles se dizem comunistas, mas na realidade estão apenas tentando nos enganar sobre suas ideias reais. Eles se apegaram a nós porque estamos no poder e porque os elementos burocráticos mais honestos se recusam a colaborar conosco por causa de suas ideias retrógradas, enquanto esses "nem sequer têm ideias honestas, são apenas reivindicadores".*

O governo bolchevique mostrou-se impotente contra a burocracia inchada, parasitária, despótica e desonesta.

Cinco milhões de burocratas se tornaram quase dez milhões. Em 1925, havia 400.000 funcionários públicos em cooperação (*Pravda*, 20 de abril de 1926).

Em 1927, a Federação Russa de Trabalhadores da Alimentação tinha 4.287 funcionários de 451.720 membros e o Sindicato dos Metalúrgicos de Moscou tinha 700 funcionários de 130.000 cartões sindicais (*Trouda*, 12 de junho de 1928).

Essa burocracia inchada não responde a uma atividade administrativa intensa e eficiente. *"A liderança do aparato soviético de baixo para cima tem uma função de papelada. O comitê provincial geralmente envia uma ou duas circulares por dia sobre todas as questões imagináveis e acha que assim cumpriu suas obrigações." "O número de circulares, que dão diretrizes, recebidas pelas células varia entre trinta e cem por mês" (Pravda, 7 de junho de 1925).*

Um funcionário sênior, Dzerzhinsky, escreveu: *"As mais diversas informações, relatórios e dados estatísticos são exigidos das empresas, formando uma torrente de papel em nosso complexo que força o emprego de pessoal excessivo e abafa o trabalho real; cria-se um mar de papel no qual centenas de pessoas se perdem; a situação da contabilidade e das estatísticas é simplesmente catastrófica; as empresas suportam cansativamente o fardo de fornecer informações em dezenas e centenas de formulários diferentes; a contabilidade agora é medida em poças" (uma poça = 16,380 kg; Pravda, 23 de junho de 1926).*

Esse fenômeno de reconstituição de classe "graças ao Estado" foi previsto por nós e denunciado por nós com veemência. A oposição leninista não consegue aprofundar o exame etiológico [2] do fenômeno e, por isso, não consegue rever a posição leninista diante do problema do Estado e da Revolução.

[1] Suar; literalmente, "fazer suar as queimaduras". (Nota sobre Spartacus).

[2] Medicina: a parte da ciência médica que estuda e investiga as causas das doenças. O diagnóstico é apenas a descoberta da doença.

O *Wecercia Ivestia* de 23 de agosto de 1918, falando sobre a desorganização do serviço postal, observa que, apesar da redução de 60% na correspondência, o número de funcionários, em comparação com o período anterior à revolução, aumentou em cem por cento.

O *Pravda* de 11 de fevereiro de 1919 relata: a criação contínua de novos escritórios, novas instituições burocráticas, para as quais os funcionários são nomeados e pagos antes que essas novas instituições comecem a funcionar. *"E todos esses novos funcionários - diz o Pravda de 22 de fevereiro de 1919 - invadem, ocupam palácios inteiros, enquanto, dado o número deles, poucos quartos bastariam"*.

O trabalho é lento e obstrutivo, mesmo em escritórios com funções industriais. *"Um funcionário do comissariado de Lipetz - diz o Ivestia de 29 de novembro de 1918 - para comprar nove caixas de pregos ao preço de 417 rublos teve de preencher vinte formulários, obter cinco ordens e treze assinaturas, e para obtê-las teve de esperar dois dias, porque os funcionários que tinham de assinar não estavam em lugar nenhum"*.

O *Pravda* (nº281) denunciou *"a invasão de nosso partido por elementos pequeno-burgueses"*, com reclamações sobre requisições de *"natureza pessoal"*. Na edição de 2 de março de 1919, esse mesmo jornal observou: *"É preciso reconhecer que recentemente os camaradas, que estão no Partido Comunista pelo primeiro ano, começaram a usar métodos de trabalho inadmissíveis em nosso partido. Considerando-se no dever de desconsiderar a opinião das organizações locais, acreditando que estão encarregados de agir pessoalmente com base em uma autoridade bastante limitada, eles dão ordens e comandam indiscriminadamente. Daí o descontentamento latente entre o centro e a periferia, uma série de abusos causados por sua ditadura individual"*.

Falando sobre a província de Pensa, o Comissário do Interior Narkomvnudel disse: *"Os representantes locais do governo central não se comportam como representantes do proletariado, mas como verdadeiros ditadores. Uma série de fatos e evidências atesta que os representantes singulares vão de armas na mão até as pessoas mais pobres, tirando delas todas as necessidades, ameaçando matar e, quando alguém protesta, eles atacam com paus. As coisas assim requisitadas são vendidas e, com o dinheiro recebido, eles organizam cenas de embriaguez e orgias"*. (*Wecercia Ivestia*, 12 de fevereiro de 1919).

Outro bolchevique, Mescerikof, escreveu: *"Cada um de nós vê todos os dias inúmeros casos de violência, abuso, corrupção, preguiça etc. Todos sabem que em nossas instituições soviéticas entraram em massa idiotas e incompetentes. Todos nós lamentamos sua presença nas fileiras do partido, mas não fazemos nada para nos livrarmos dessas impurezas. [...] Se uma instituição expulsa um incompetente, outro é imediatamente encontrado para substituí-lo e recebe um cargo de responsabilidade. Muitas vezes, em vez de uma punição, ele recebe uma promoção."* (*Pravda*, 5 de fevereiro de 1919).

Leninistas, trotskistas, bordiguistas e centristas estão divididos apenas por diferentes concepções táticas. Todos os bolcheviques, independentemente da corrente ou fração a que pertençam, são partidários da ditadura política e do socialismo de Estado. Todos estão unidos pela fórmula: "ditadura do proletariado", uma fórmula equívoca que corresponde ao "povo soberano" do jacobinismo. Seja qual for o jacobinismo, ele está destinado a desviar a revolução social. E quando ele se desvia, surge "a sombra de um Bonaparte".

Seria preciso ser cego para não ver que o bonapartismo stalinista é apenas a sombra horrível e viva do ditatorialismo leninista.

[1] Hipóstase: na teologia, a palavra é equivalente a "nuance", portanto, o Pai, o Filho e o Espírito Santo são três hipóstases da mesma substância divina. Aqui, o ato da tomada do poder pelo proletariado é uma hipostasia que contém vários processos mágicos: destruição do Estado, do proletariado.

[2] "O Partido "devorou" Trotsky, depois Stalin, depois Khrushchev, etc., em uma alusão ao mito de Saturno comendo seus próprios filhos (veja a pintura de Goya).

O Estado e as classes

Guerra de classe nº2 - 17 de outubro de 1936

Lênin, em 1921, definiu o Estado soviético russo como *"um Estado operário com uma deformação burocrática em um país com uma maioria camponesa"*. Essa definição deve ser modificada hoje da seguinte forma: o Estado soviético é um Estado burocrático em que uma média burguesia burocrática e uma pequena burguesia da classe trabalhadora estão em processo de formação, enquanto a média burguesia agrária sobrevive.

Boris Souvarine, em seu livro sobre *Stalin* (Paris, 1935), pinta esse quadro do aspecto social da URSS:

"A chamada sociedade soviética baseia-se exatamente na exploração do homem pelo homem, do produtor pelo burocrata, o técnico do poder político. A apropriação individual da mais-valia é sucedida por uma apropriação coletiva pelo Estado, uma dedução do consumo parasitário do funcionalismo... A documentação oficial não deixa dúvidas: sobre o trabalho das classes subjugadas, forçadas a se submeter a um inexorável "sistema de suor" [1], a burocracia toma uma parte indevida que corresponde mais ou menos ao antigo lucro capitalista. Assim, uma nova categoria social se formou em torno do partido, interessada na manutenção da ordem constituída e na perpetuação do Estado, cuja extinção Lênin previu com o desaparecimento das classes. Se os bolcheviques não têm a propriedade legal dos instrumentos de produção e dos meios de troca, eles possuem a máquina estatal que lhes permite todo tipo de espoliação. A possibilidade de impor preços de venda muito mais altos do que o preço de custo contém em si o verdadeiro segredo da exploração burocrático-técnica caracterizada, além disso, pela opressão administrativa e militar."

O bonapartismo é apenas o reflexo político da tendência dessa nova burguesia de preservar e aumentar sua própria situação econômico-social. No apelo bolchevique-leninista de Tambov ao proletariado mundial, que é de 1935, lemos

"O objetivo da burocracia partidária consiste apenas no isolamento e na tortura dos oponentes para que eles não se tornem publicamente inúteis, ou seja, desgraçados apolíticos. O burocrata, de fato, não quer que você seja um comunista genuíno. Ele não precisa disso. Para ele, isso é prejudicial e mortalmente perigoso. O burocrata não quer comunistas independentes, ele quer escravos miseráveis, egoístas e cidadãos de última categoria..."

"Então seria possível que, sob um poder proletário real, a luta contra a burocracia, contra os ladrões e bandidos que impudentemente se apropriam da propriedade soviética e que são a causa da perda pelo frio e pela fome de milhares de homens, seria possível que uma luta ou um simples protesto contra esses miseráveis fosse considerado uma ofensa contrarrevolucionária?"

A tragédia cruel da luta entre a oposição "revolucionária" e a ortodoxia "conservadora" é um fenômeno natural na estrutura do socialismo de Estado. A oposição leninista tem toda a razão em apontar para o proletariado mundial as deformidades e degenerações do stalinismo, mas, embora o diagnóstico da oposição seja quase sempre correto, a etiologia é quase sempre insuficiente. O stalinismo é meramente o resultado da instalação leninista do problema político da revolução social. Opor-se às consequências sem voltar às causas, ao pecado original do bolchevismo (ditadura burocrática como uma função da ditadura do partido), equivale a simplificar arbitrariamente a cadeia de causalidade da ditadura de Lênin à de Stálin sem soluções profundas de continuidade. A liberdade dentro de um partido que nega o livre jogo da competição entre os partidos de vanguarda dentro do sistema soviético seria, hoje, um milagre espetacular. Hegemonia dos trabalhadores, absolutismo bolchevique, socialismo de Estado, fetichismo industrial: esses germes corruptores só poderiam dar frutos venenosos, como o absolutismo de uma fração e a hegemonia de uma classe.

Trotsky como São Jorge lutando contra o dragão stalinista não pode nos fazer esquecer o Trotsky de Kronstadt. A responsabilidade pelo stalinismo atual está na formulação e na prática da ditadura do partido bolchevique e na ilusão da extinção do Estado como resultado do desaparecimento das classes sob a ação do socialismo de Estado.

Quando Trotsky (em 6 de dezembro de 1935) escreve: *"O absurdo histórico da burocracia autocrática em uma sociedade sem classes não pode ser sustentado e não será sustentado indefinidamente"*, ele está dizendo uma coisa absurda com relação ao "absurdo histórico". Na história não há absurdo. Uma burocracia autocrática é uma classe, portanto não é absurdo que ela exista em uma sociedade em que as classes permanecem: a classe burocrática e a classe proletária. Se a URSS fosse uma sociedade "sem classes", ela também seria uma sociedade sem autocracia burocrática, uma autocracia que é o fruto natural da conservação do Estado.

Foi por causa de sua função como o partido que dominava a máquina estatal que o partido bolchevique se tornou um centro de atração para elementos pequeno-burgueses carreiristas e para trabalhadores preguiçosos e oportunistas.

A ferida burocrática não foi aberta e infectada pelo stalinismo: ela é contemporânea da ditadura bolchevique.

Aqui estão algumas notícias de 1918 e 1919 publicadas pela imprensa bolchevique.